

Entre linhas e rinhas: As construções identitárias no folhetim *Pulp* de Ana Paula Maia

Vagna Mendes (Especialista, UENP)
Adenize Franco (Dra. Professora Adjunta, UENP)

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise da obra contemporânea *Entre linhas e rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), de Ana Paula Maia. Resultado da ruptura com os modelos tradicionais, a prosa brasileira de hoje retoma o trágico atravessando e caracterizando todo o período de maneira realista e radical, conforme sinaliza a crítica literária Beatriz Resende. Nesse sentido, a presente análise tem como maior interesse analisar na obra em questão as construções identitárias, sobretudo, dos personagens *Edgar Wilson* e *Erasmus Wagner*. Tais personagens figuram na novela como um meio de representar a sociedade brasileira de forma realista, ao mesmo tempo que ocupam posições sociais e desempenham funções caracterizadas pela degradação.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, literatura brasileira, identidade, Ana Paula Maia

Abstract: This paper presents an analysis of the contemporary title *Entre linhas e rinhas de cachorros e porcos abatidos*, Ana Paula Maia. Result of rupture with traditional models, Brazilian prose today resumes the tragic crossing and characterizing the entire period of radical and realistic way, as signals the literary critic Beatriz Resende. In this sense, the present analysis has as most interest analysis on the work concerned the construction of identity, above all, of the characters *Edgar Wilson* and *Erasmus Wagner*. Such characters appear in the novel as a means of representing the Brazilian society realistically, while social positions and play functions characterized by degradation.

Keywords: Contemporary Literature, Brazilian Literature, Identity, Ana Paula Maia

“Dos escombros de nosso desespero construímos nosso caráter”
Ralph Waldo Emerson

Introdução

A literatura pós-moderna para a crítica Linda Hutcheon, em seu estudo sobre a poética do pós-modernismo, concentra-se em desafiar e não negar as formas e os conteúdos narrativos do passado. Para ela, a caracterização desse período se dá “[...] pelos resultados da dissolução da hegemonia burguesa por ação ao capitalismo recente e pelo desenvolvimento da cultura de massa” (1991, 19), ou seja, a literatura, por ação ao capitalismo, deixa de lado os interesses burgueses, e começa a preocupar-se com o Homem (rico e pobre) e tudo o que o cerca. Essa nova percepção, influenciada pelo modernismo de 22, inverte o modelo narrativo, mas não o modifica totalmente – o que antes, década de 22 até meados dos anos 50, os textos mantinham uma forma

regionalista, aproximando o país ao cenário rural, hoje a literatura está concentrada no cenário urbano - pode ser identificadas narrativas através da contextualização de uma entidade coerente que exerce diferentes significados dentro do texto, entre eles, a construção da subjetividade dentro de um cenário realista que não se define, estabelecendo, portanto, uma tensão entre o real e a ficção.

Ao considerarmos os postulados da teórica, é possível perceber que a literatura contemporânea é resultado das mudanças que o processo de globalização, nas últimas três décadas até os dias atuais, desencadeou. Trata-se de um processo transitório, no qual o discurso literário é construído de elementos fragmentados que retomam o trágico, como afirma a pesquisadora Beatriz Resende. Essa característica, o trágico, é incorporada, especialmente, nos relatos da vida cotidiana nas grandes cidades de forma que eles represente a angustiante relação entre as pessoas e o cenário público atual.

As rupturas e as variações de estilos que hoje definem a ficção contemporânea brasileira dá a ideia de uma pluralidade de destinos e de uma liberdade individual do sujeito moderno, ele “[...] nasce com a cidade e se materializa em formas literárias que transitam entre os registros memorialístico, realista, metafísico, escatológico, fantástico e satírico” (Pinto 2004, 84), assim observado por Manuel da Costa Pinto. Essas diferentes possibilidades dão lugar a um novo modelo de “imprensa”: a *internet*; é nela ela que jovens escritores encontraram um meio prático, rápido e eficaz de divulgação do texto literário, daí a era das multiplicidades uma das características¹ marcante apontadas por Resende em relação à literatura contemporânea.

As produções literárias no Brasil, principalmente as publicadas a partir da metade dos anos 90 e que se estende até os dias atuais, se distanciam do modelo narrativo clássico, seja pelo discurso, seja pelo instrumento de publicação. Os escritores dessa geração recente parecem relacionar a realidade histórica para reinventar a forma literária, como observa o crítico Karl Erick Schollhammer(2009):

De modo geral, percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intenção de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria (p.14).

O crime, a violência, a corrupção e a miséria constroem o cenário social preocupante e degradante do solo brasileiro e oferecem uma nova imagem à literatura brasileira recente. Assim, os escritores dessa nova geração – a partir dos anos 90 –

¹Em *Contemporâneos*, Beatriz Resende faz algumas observações acerca dos meios de divulgação que os jovens escritores encontram para que seus trabalhos sejam lidos: o uso do computador; o texto é escrito no computador e divulgado primeiro em *sites* e *blogues*.

retomam formas e temas de décadas anteriores para (re)construir a paisagem atual e real da sociedade através de frases fragmentadas e objetivas, diálogos velozes, o emprego de gírias, a presença do humor e da ironia juntos, o cotidiano banal, etc.

Nesse contexto narrativo, de escritoras e escritores brasileiros da geração de 90 que utilizam o texto literário para trabalhar assuntos – das relações humanas - que causam no leitor repulsa, inquietação, terror e medo e que fazem uso do texto digitalizado, onde os personagens são marcados pela complexidade paradoxal da existência humana, escolhemos Ana Paula Maia e sua obra *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) como objeto de estudo desse trabalho.

***Pulp* e Multiplicidade: expressões da literatura de ontem e de hoje**

Considerado um gênero menor pelo cânone literário, a *pulp fiction* foi criada no século XIX pelos americanos. Por ser uma alternativa mais barata o gênero visava a popularização de massa afim de aproximar os jovens menos intelectuais e mais pobres da leitura. Mais tarde, anos 1920 e 1950, com as grandes guerras a economia ficou em baixa e os recursos limitados; isso contribuiu para que as produções *pulp* voltassem com mais peso, denominadas agora como *Pulp Magazines*.

As *pulp magazines* devem o seu nome ao facto de serem impressas em papel de polpa muito barato pois isso permitia que fossem vendidas a um preço muito baixo e, assim, acessível ao público algo desfavorecido da sociedade americana da época. Podiam comprar-se nas bancas de jornais e em tabacarias e continham histórias com enredos simples, plenas de acção e de leitura muito fácil. Em termos gráficos, estas publicações viviam essencialmente das suas capas com desenhos atraentes, exóticos, sensacionalistas e até chocantes, frequentemente com imagens de mulheres fatais, donzelas em perigo ou mulheres objecto de desejo, assim como desenhos de criaturas fantásticas ou cenas de aventuras, dependendo do gênero de histórias que incluíam. No seu interior, todo o espaço deixado livre pelas histórias era ocupado por anúncios a todos os tipos de produtos Mateus (2007, 60).

O papel barato favoreceu a compra das revistas pela classe pobre e, com isso, atingiu um considerado número de venda. o conteúdo era bastante variado, correspondia ao gosto do público e apresentava uma linguagem menos elaborada.

Hoje, segundo a pesquisadora Anabela Mateus, as *Pulp Magazines* desapareceram com o fascínio que a televisão provocou nos homens com seu surgimento. Todavia, podemos pensar que a *pulp fiction*, assim como a literatura e outras artes, sofreu influências com processo de globalização, perdendo assim, seu modelo americanizado e se transformando na literatura sem papel de hoje, isso se pensarmos na questão da multiplicidade e nas apostas de publicação dos jovens escritores brasileiros.

Podemos destacar na obra de Ana Paula Maia características marcantes que estão associadas ao conceito de *presentificação*, característica do radical e imediato,

atribuído por Beatriz Resende, sobretudo a ruptura do suporte que foi além do papel por fazer uso do computador, publicando assim, sua obra na *internet*, que, por isso, lhe deu o reconhecimento da primeira escritora a publicar o folhetim *pulp* no Brasil.

Ana Paula Maia e seu folhetim eletrônico

A jovem escritora Ana Paula Maia, nasceu em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, no ano de 1977. Formou-se em Publicidade e Propaganda. Leitora desde a infância, mas reconhece que seu maior interesse pela palavra leitura começou no final da adolescência. Lia livros de filosofia, romances de escritores como Dostoievski, Edgar Allan Poe, entre outros; com alguns poucos anos já “rabiscava algumas coisas”, como afirmou em entrevista² a um site sobre literatura.

Publicou seu primeiro romance *O habitante das falhas subterrâneas* em 2003, o primeiro folhetim *pulp* da internet no Brasil *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* no ano de 2006 em seu blogue e, mais tarde, em 2009, a publicação impressa pela editora Record, *A guerra dos bastardos* (2007), publicado também na Alemanha em 2013, *Carvão animal* (2011) e *De gados e homens* (2013).

Sua literatura também perpassa por gêneros como o conto e a crônica sendo o primeiro integrante de significativas participações em antologias nacionais e internacionais, entre elas estão: *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, organizada pelo escritor Luiz Ruffato, *90-00: cuentos brasileños contemporâneos*, organizada por Maria Alzira Brume e Nelson de Oliveira. Quanto às crônicas, a autora publica semanalmente textos inéditos em blogues.

No universo acadêmico, as obras da autora ainda são pouco estudadas. Há algumas publicações de artigos em Congresso Internacional de Crítica Literária, em revistas específicas de literatura e dissertação de mestrado. Há também, artigos publicados em revistas não acadêmicas e jornais, como a *Folha de São Paulo*, que abordam a temática de suas obras e demais elementos estruturantes.

Sua literatura reúne fortes imagens deteriorizantes ao descrever os espaços públicos brasileiros. Ana Paula escreve sobre a violência, a imundície, a pobreza, a violência braçal e o horror vivenciados no subúrbio. Em seus textos, os homens e os animais são quase que iguais e seus personagens protagonistas são ambíguos, ora heróis, ora vilões, pois juntos a prosa da escritora problematiza o conflito subjetivo da existência humana.

²Entrevista a Mauro Siqueira, disponível em: <http://www.o-bule.com/2010/05/os-cOLUMNISTAS-DO-BULE-ENTREVISTAM-ANA.HTML>, acesso em 30 de abril de 2014.

Especificamente *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*(2009), é considerada o primeiro folhetim *pulp* brasileiro e escrito por Ana Paula Maia. Segundo a escritora, em entrevista concedida ao blogue *O Bule*, antes da obra ser postada em seu próprio blogue, teve, em 2005, um trecho publicado numa antologia italiana chamada *Sex'n'Bossa*, pela editora Mondadori, e intitulava-se “Não se deve meter em porcos que não te pertencem”.

A obra é dividida em duas partes ou duas novelas, como a escritora define. A primeira novela também intitulada com *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* é composta de cinco capítulos. Ela, narra a saga de dois homens, Edgar Wilson e Gerson, que trabalham como abatedores de porcos. Tem como diversão apostar em rinhas de cachorros nas noites de folga. Edgar Wilson e Gerson são dois amigos que tem em comum, além da dedicação pelo mesmo trabalho, a indiferença pelas circunstâncias miseráveis em que se enquadram na sociedade, pois, para eles tudo aquilo que sobra do que os cercam importa muito pouco ou não importa nada.

A segunda novela, *O Trabalho Sujo dos Outros*, é organizada em sete capítulos e narra a história de homens que recolhem o lixo, quebram o asfalto e desentopem caixas d'água e esgoto. Todos esses personagens estão ligados por um círculo de amizade e/ou de parentesco. Erasmo Wagner, coletor de lixo, leva uma vida difícil e pobre. Para aumentar o ordenado mensal da casa, ele vende leite retirado de suas duas cabras criadas no quintal. No decorrer da história, os coletores de lixo decidem fazer uma greve geral e a cidade inicia um processo de degradação, mergulhada num cenário imundo e de podridão. Nesse momento, a narrativa toma um novo rumo, com elementos místicos, Erasmo Wagner vê num bode, emprestado para ele na condição de reprodutor para “expandir” seu negócio como vendedor de leite de cabra, uma maneira de acertar as contas com o seu passado, pois na infância matou um homem sem saber seu próprio pai, mas encerra o último capítulo com a volta dele no seu trabalho que lhe dá orgulho: catador de lixo.

Diante do que foi exposto até o momento, compreendemos que o termo pós-moderno está associado às questões políticas de produção cultural, defidas desde a época modernista como “cultura culta e cultura de massa”, questões assinaladas no texto de Huyssen. Em consequência, essas questões modificam o modo tradicionalista de como as ciências e as artes desempenhavam seus papéis.

A literatura atual passa a reconstruir a realidade dentro de um cenário já recontextualizado e proporciona múltiplas possibilidades para o próprio discurso e para os meios de publicação. As narrativas revelam figuras complexas que se materializam a

partir das diferenças (físicas ou não) que ajudam na construção identitária de um personagem, por exemplo; essas ideias caracterizam o realismo ligado a presentificação ou o presente, o imediato, o trágico, o fantástico, o irônico entre outros. Revelam ainda, indivíduos/personagens complexos, que, muitas vezes, apresentam no decorrer da história transformações (físicas e/ou sentimental), abalando então, a ideia de uma figura organizada. Dentre esses elementos, o trágico é o elemento que daremos destaque, pois é na imagem do impositivo encontrado no cotidiano das pessoas que o texto literário se desenvolve paradoxalmente entre paisagem e personagem quase sempre ligados à morte. É nesse contexto de produção que a prosa de Ana Paula Maia se encaixa e é por isso, que escolhemos sua obra como objeto de análise.

Antes, porém, de mergulhar especificamente na análise dos personagens dentro da obra, faremos uma breve menção aos textos teóricos dos estudiosos Boaventura de Souza Santos e Stuart Hall porque trazem significativos posicionamento à respeito das questões da identidade moderna e, por isso, servirão de base para a proposta desse estudo mais adiante.

Edgar Wilson e Erasmo Wagner: identidades em curso

Pensando primeiro nas construções culturais do indivíduo, o texto acima referido, de Boaventura de Souza Santos, traz posicionamentos bastante relevantes para os estudos da identidade em questão. Para ele, a identidade está ligada à subjetividade. Não muito diferente dessa perspectiva, o texto de Hall também considera a subjetividade o ponto forte para a identificação do sujeito humano. A questão de identidade do sujeito na modernidade, em ambos os textos, e o processo de identificação fazem parte de rupturas no contexto social, cultural e político que a globalização influenciou. Não cabe aqui contextualizar todas as observações feitas pelos estudiosos, visto que o objeto de pesquisa de ambos os críticos retomam valores correspondentes ao processo da história política, cultural, social e filosófica desde o iluminismo até os dias atuais.

Vale ressaltar que Boaventura pautou-se nas questões relacionadas às manifestações culturais da identidade do povo português e de língua portuguesa. Faremos referência apenas a duas tensões assinaladas em comum nos textos a respeito da subjetividade que liga às possíveis construções identitárias do sujeito homem: a subjetividade individual e a subjetividade coletiva, assim definida para Boaventura, e a subjetividade local e a subjetividade global denominadas por Hall e, com isso, situaremos o discurso diante dessas constatações.

O modelo de subjetividade individual ou local é contextualizado, de modo geral, pelo “eu” no mundo globalizado e tende, a partir de sua história de vida desde o nascimento, a mudar dependendo das circunstâncias. É a partir disso que surge uma nova forma de individualidade que, por conseguinte, dá a ideia de subjetividade.

Por outro lado, a subjetividade coletiva ou global, faz com que esse mesmo indivíduo seja um modelo universal, em outras palavras, o “eu” inserido em tempo e espaços não definidos, que contribuem para a construção do bem social; é, então, o indivíduo em ação para produzir mudanças no contexto em que está inserido.

Dentro dessa perspectiva, podemos depreender que os personagens de Ana Paula servem como exemplos dessas representações identitárias e merecem destaque por estarem introduzidos numa esfera marginal de uma sociedade desigual e desumana. Personagens desse tipo podem ser identificadas como pessoas comuns, sozinhas, por exemplo, os personagens Edgar Wilson e Erasmo Wagner que são inseridos num lugar – o da ficção no caso – para exercer uma determinada função, a do trabalho braçal e brutal. Contudo, esses personagens não devem ser vistos como únicos, pois eles se comportam de maneira diferente diante de uma sociedade seletiva e ainda conservadora, pois eles matam.

Todavia, devemos pensar que esses dois modelos não são únicos e nem estáveis e tampouco devem ser estudados separadamente, pois os conceitos agregados em um diferenciam dos conceitos agregados do outro, porém os mesmos conceitos que se negam permitem uma descontextualização (Boaventura) ou um deslocamento (Hall) que, em contrapartida, formulam o ser paradoxal que liga a subjetividade à linguagem abstrata de hoje.

Pensar então, que Edgar Wilson e Erasmo Wagner são exemplos desse entre-lugar, o de ser e de existir, pois são personagens/indivíduos que, num primeiro momento, são representados apenas por simples trabalhadores que executam suas tarefas sem reclamações, seja um modelo de abatedor de porcos ou um modelo de funcionário público que faz “o trabalho sujo dos outros”, é também pensar que ambos estão dentro de um contexto de inversão de valores, aquilo que parece ser um trabalho comum toma uma dimensão maior para descontextualizar o indivíduo inserido numa sociedade da qual não reconhece mais seus valores.

Tomando como base o argumento de Ernest Laclau sobre a estrutura deslocada que hoje define o caráter da sociedade, Hall emprega em seu texto o seguinte trecho “[...] são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” –

isto é, identidades -para os indivíduos” Hall(2009,17). Esta constatação pode ser ponto de partida para algumas considerações acerca da construção identitária dos personagens Edgar Wilson e Erasmo Wagner nas novelas de Ana Paula Maia. Edgar e Erasmo são dois sujeitos que desestabilizam as estruturas centrais da sociedade atual, pois seria ingênuo dizer que eles são personagens simples, que exercem suas funções de empregados como qualquer indivíduo, porque não os são, são indivíduos instáveis inseridos propositalmente num espaço em declínio. Podemos pensar que tais paisagens fragmentadas sugerem talvez, além da crítica à sociedade que se divide entre ricos e pobres, uma sociedade hipócrita figurada num mesmo espaço caótico e degradante que, de alguma forma, cada ser humano tem sua contribuição para o declínio desta.

As tensões subjetivas que caracterizam o sujeito moderno podem ser encontradas nos personagens Edgar Wilson e Erasmo Wagner. Antes de qualquer observação, devemos ter em mente que os protagonistas vão além da representação simplória de pobres empregados marginalizados como os trechos a seguir ilustram:

À espera de porcos, Edgar Wilson suspira pela oitava vez nessa sexta-feira quente e abafada. Por seu olhar vago, perdido, parece que não se incomoda em esperar o tempo que for preciso, mas apesar da frieza permanente ele anseia, a seu modo. [...] Havia feito planos para sair mais cedo, ir ao bar do Critóvão, fazer algumas apostas em chagal [...] e encontrar Rosemary, sua noiva. Mas isso não era novidade, todas as sextas são iguais e de modo algum Edgar Wilson se importa com a rotina em que vive. Aqui no subúrbio, quente e abafado, esquecido e ignorado, nos fundos de um mercadinho cheirando a barata, não existe desconforto maior do que o carregamento de porcos atrasar e expectativa maior do que vê-los, todos, pendurados por ganchos no frigorífico. Maia (2009, 15-16).

Assim como Edgar Wilson, Erasmo Wagner também executa suas tarefas do dia a dia:

O lixo está por todo lugar e é de várias espécies: atômico, espacial, especial, hospitalar, industrial, radiativo, orgânico e inorgânico; mas Erasmo Wagner só conhece uma espécie de lixo. Aquele que é jogado pra fora de casa. A imundície, o podre, o azedo e o estragado. O que não presta pra ninguém. E serve apenas para os urubus, ratos, cães, e pra gente como ele. Costuma trabalhar no caminhão de lixo parte do dia, com escalas alternadas no turno da noite [...] Maia (2009, 91).

O trecho, em primeira leitura, nos dá a ideia de trabalhadores que exercem suas funções como qualquer outro empregado, satisfeitos ou não, mas com o decorrer da leitura e das ações dos personagens e do meio que os cercam podemos observar que os mesmos tornam-se fragmentados seja pelo caráter, seja pelos diferentes e contraditórios sentimentos.

O espaço, e ainda, a mudança de espaços, nos quais eles estão inseridos contribuem muito para a construção desses seres fragmentados, pois os trechos mostraram, sobretudo na novela de Edgar, dois ambientes: o de trabalho e o de lazer, a

este último, o bar, tem como segundo plano oferecer ao personagem um momento de distração, porém, esse ambiente se matém num contexto degradante, pois apresenta a violência, mesmo que de animais, figuras alienadas e a imundície. A ideia de alienação é também um ponto a ser destacado, visto que a ideia de subjetividade está relacionada ao individualismo e, que o individualismo é característica do sujeito homem de hoje, como assinala Hall “quanto mais organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual” (2009, 43), Edgar Wilson e Erasmo Wagner são personagens que mantêm distância de outras pessoas, simplesmente por muitas vezes não se importarem com o próximo, e isso faz com que eles se isolem.

Por outro lado, são personalidades que não se mantêm fixas, pois há passagens que eles veem a necessidade do outro, ou seja, de outra pessoa, seja a vontade de se casar e ter uma família que por alguns minutos Edgar Wilson sente, ou ainda pela companhia do amigo Gerson, ou seja pela relação sanguínea que Erasmo Wagner tem com seu irmão. Essas indagações fazem parte dos postulados de Hall que, a partir de seus estudos, o indivíduo pós-moderno torna-se fragmentado, porque diante das mudanças no contexto social, cultural e político, ele não consegue apresentar “[...] uma identidade fixa, essencial ou permanente”, Hall(2009, 12). “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”, Hall(2009, 13). Daí um ser ambíguo que perde o sentido de si.

As mesmas iniciais dos nomes, o apreço pelo trabalho, o trabalho duro, e, principalmente, o ambiente em que os personagens estão inseridos, podem representar características ambíguas desses sujeitos dentro da narrativa.

É especificamente na segunda novela, à página 143, que a ideia de um personagem ambíguo e complexo se materializa com precisão. Ambos tem em comum o vício pelo cigarro que, por sua vez, pode simbolizar o fogo. Quando Erasmo Wagner fica impossibilitado de cumprir sua função como gari devido à greve, vai trabalhar, fazer bico, com seu primo. Nesse emprego, ele limpa caixas d’água e o que mais lhe aparecer e, num desses trabalhos, vai até a casa de uma mulher que cria porcos para limpar a caixa d’água da velha casa e lá se encontra com Edgar Wilson. Os dois trocam um cigarro e algumas palavras:

Erasmus Wagner espera pelo esvaziamento completo enquanto fuma um cigarro. Atravessa o portão do quintal, e observa Tonhão do outro lado da rua, pastando solto num terreno baldio ao lado de algumas galinhas. O homem que lida com os porcos vem em sua direção e lhe pede um cigarro. Ele lhe dá um. Edgar Wilson apanha uma caixa de fósforos

do bolso da calça. Os dois ficam calados por uns dois minutos, envoltos pela fumaça clara.

- Gosta de trabalhar com porcos? – pergunta Erasmo Wagner.

- São bons animais. Eles se acostumam com a gente – responde Edgar Wilson.

A mulher reaparece e faz um sinal para Edgar Elson ir com ela. Ele agradece pelo cigarro, acerta o pagamento com a mulher, apanha seus três porcos e vai embora. Maia (2009, 143).

Os fragmentos nos remetem ao mito da fênix, que tem como representação histórica o pássaro que ressurge das cinzas para (re)viver. E aquilo que parece fútil, e muitas vezes passa desatento para o leitor, o cigarro, hábito que os personagens têm em comum, é símbolo do fogo ou da vida. Isso pode ser pensado com relação à ambiguidade dos personagens, que a medida em que os dois se cruzam, se unem para formar um único eu e o fato de Erasmo vir depois, definido na segunda novela, pode remeter à continuação de Edgar, ou seja, a continuação da espécie humana, dotado dos mais diversos sentimentos e construído a partir da mistura de personagens/indivíduos, que perdurará.

Podemos também, atentar para o elemento temporal do fragmento exposto, pois o fato dos personagens se cruzarem numa mesma história demonstra a simultaneidade dos acontecimentos que, embora, ocorram em lugares distintos, as histórias se entrecruzam ao mesmo tempo³. Daí uma característica do eu inserido em tempo e espaços indefinidos.

As construções identitárias dos personagens podem ser, ainda, estudadas em outras esferas como o trabalho, o sentimento de indiferença, a presença da morte, a esperança, e o sonho. Tais características fazem com que, em alguns momentos, Edgar Wilson e Erasmo Wagner se aproximem de um ser único e ainda, aquilo que falta em um o outro possui. Assim, os fragmentos a seguir, mostrarão a figura de dois homens em seus mais diversos sentimentos e de suas diferentes ações que, ao serem comparados tornam-se um indivíduo ambíguo, híbrido e contraditório, o ser humano.

Nos trechos extraídos na primeira parte, Edgar Wilson

[...]abre o porco do focinho até o rabo e retira seus órgãos e tripas. Era mesmo uma maravilha olhar para aquele interior. Uma barriga recheada e que valeria alguns bons reais. Mas se queixa silencioso do quanto vale o trabalho de um homem. A barriga daquele porco é praticamente o seu salário, mas em seguida contenta-se, porque sua vida é mesmo boa. Maia (2009, 27).

e na segunda parte, Erasmo Wagner

³ A ideia do duplo e do encontro dos personagens são pontos que merecem destaque por também serem trabalhados no conto *William Wilson*, de Edgar Allan Poe. O protagonista se encontra com o seu (possível) outro “eu”. Além disso, a própria autora revelou em entrevistas a influência de Edgar Allan Poe em seus escritos bem como, a homenagem ao autor e seu personagem citado com o nome de Edgar Wilson.

[...] Conhece o conteúdo de alguns sacos só pelo cheiro, formato e peso. Já teve tétano. Já teve tuberculose. Já foi mordido por rato e bicado por urubu. Conhece a peste, o espanto e o horror; por isso é ideal para sua profissão que exerce [...]. Não pensa nos miseráveis dos aterros sanitários que também poderiam lucrar com o que há de melhor no lixo. Ele realmente não se importa. Assim como quem está acima dele não se importa com ninguém. Na escala decrescente de famintos e degenerados, ele ocupa um posto pouco acima dos miseráveis [...]. Ninguém gosta muito de Erasmo Wagner. Dão meia-volta quando está trabalhando e ele prefere assim. Prefere os urubus, os ratos e a imundície, porque isso ele conhece. Isso assusta. As pessoas em geral lhe dão náuseas e vontade de vomitar”. Maia (2009, 91- 92).

nota-se que nos fragmentos, o trabalho bruto, sujo e desprezível causa no leitor o mesmo sentimento de repulsa e inquietação. O trabalho é cumprido pelos personagens de maneira satisfatória e pontual, eles gostam daquilo que fazem, sobretudo devemos destacar que diante das ações vivenciadas no dia a dia de trabalho, Erasmo lida com o imundo, podre...enquanto Edgar lida diretamente com a morte. Ambos realizam uma tarefa que é repulsiva e “esquecida” pelos homens, mas que todos necessitam. Num jogo entremelhor trabalho, nenhum é ganhador.

A ambiguidade também pode ser observada a partir do caráter, ou instinto, assassino que os dois personagens possuem e através da crença por acreditarem em Deus. É claro que Edgar se sobressai quando a questão é matar, seja pelo seu trabalho ou pela forma de resolver as coisas e os aborrecimentos. Já Erasmo se sobressai na crença, pois não teve coragem de matar o bode por acreditar que havia algo de extraordinário e inexplicável com o animal. Isso faz com que a construção dos sentimentos desses personagens sejam muito subjetivos e confusos, porque o ato de matar foge às “regras de bom cristão”, daí a ironia presente no discurso de Ana Paula Maia. A ambiguidade referente aos assassinatos pode ser observada nos seguintes fragmentos:

Num diálogo entre Edgar e Gerson, em que o protagonista revela que matou o irmão do amigo:

Em conversa com Gerson, seu amigo, Edgar Wilson assume que matou o irmão de Gerson, e Rosemary, sua própria noiva “- É justamente sobre isso ... sobre ele ficar sumido pra sempre. Ele tava tendo um caso com a Rosemary. Matei nos dois”. Maia (2009, 61).

e numa lembrança que Erasmo tem de ter matado um homem no passado ao presenciar o ataque de um cachorro para com o um velho:

Erasmo Wagner apenas olha a cena. Já foi mordido por um cão quando criança. Já tomou pauladas de um velho por ter roubado duas laranjas, quando criança. Ele estava com fome naquele dia, e ainda não tinha força nem tamanho para trabalhar ou se defender, tanto do cão quanto do velho. Para ele pouco importava quem sobreviveria. O cão rasgaria o velho. Velhos têm pele mole, ele sabe bem disso, pois já matou um. Mas isso faz tempo e o velho não prestava. Maia (2009, 96).

Repulsa e revolta, podem ser sentimentos que os personagens causam no leitor, mas, apenas numa primeira impressão, pois, à medida com que o narrador descreve os fatos, ao mesmo tempo ele justifica os atos brutais e a ideia inicial de reprovação é amenizada. Edgar Wilson, por exemplo, é um sujeito que amedronta por resolver seus problemas de uma forma brutal, matando quem o aborrece, mas essa escolha de resolver seus problemas está ligada às práticas sociais que o moldaram e o formaram no decorrer de sua vida; Edgar cresceu entre a morte e a violência, suas ações não poderiam ser contrárias se pensarmos que essas práticas sociais estão ligadas à construção da identidade do sujeito (Hall, 2009, 72). Os personagens, homens brutos, tornam-se ainda mais humanos, como podemos observar no fragmento que diz respeito a Edgar Wilson,

Cão de rinha é um cão que não teve escolha. Ele aprendeu desde pequeno o que o seu dono ensinou. Podem ser reconhecidos pelas orelhas curtas ou amputadas e pelas cicatrizes, pontos e lacerações. Não tiveram escolhas. Exatamente como Edgar Wilson, que foi adestrado desde muito pequeno, matando coelhos e rãs. [...]. Porém a marca da violência e resistência à morte de outros animais nunca tiraram o brilho de seus olhos quando contempla um céu amplo [...] é um cão de briga criado para matar porcos, coelhos e homens. Maia (2009, 69-70).

ou nos fragmentos já expostos quando há a justificativa de que Erasmo Wagner matou porque o velho não prestava.

Em relação às contradições dos personagens, podemos destacar que diferente de Erasmo Wagner, que se mostra forte em relação às doenças e adorador de aves, em específico os urubus, Edgar Wilson pode ser visto como um sujeito mais frágil a essas questões, porque tem medo de galinhas e é alérgico a talco, como podemos observar “Edgar espirra descontroladamente, é alérgico a talco” (Maia, 2009, 38). Edgar Wilson, também se mostra, em algumas vezes, mais amigável que Erasmo Wagner; Edgar tem atitudes de herói, por exemplo, quando tenta salvar a vida da mulher acidentada na estrada ao tentar ligar para o socorro. Já Erasmo se matém o tempo todo distante de qualquer atitude “caridosa” para com o ser humano.

Hátambém, o gosto contraditório por cachorro, enquanto Edgar gosta do animal, e até se diverte com as apostas das rinhas, Erasmo demonstra total horror ao bichocomo podemos observar no fragmento a seguir “- Eu odeio cães, Valtair. Odeio quase tudo o tempo todo./- Por quê?/- Não sei”, Maia(2009, 99), e a falta de sonhos em Erasmo que, diferente dele, Edgar sonha em conhecer a neve, e vai em busca de seu sonho quando seu amigo Gerson morre:

[...]Edgar não vai trabalhar. É dia de folga. Vende sua geladeira nova, alguns outros poucos objetos de pequeno valor, apanha um bom dinheiro que Gerson ganhou na rinha e junta às suas economias, guardadas numa lata de biscoito amanteigado. Andou muito até chegar. Conseguiu carona num caminhão que seguia para o Sul. Iria para o Sul. Cruzaria o país, atravessaria fronteiras até encontrar neve. Alguma neve. Maia (2009, 86).

enquanto Erasmo, após a greve, volta a sua vida fixa e sem maiores acontecimentos, recolhendo o lixo dos outros.

Tais elementos podem ser considerados também como marcas integrantes na construção identitária de um único sujeito, se pensarmos que naquele que falta sentimento o outro supre, é como se os corpos se completassem, sendo ser híbrido, mas não separado.

Conclusão

Neste trabalho, destacamos pontos importantes acerca do contexto histórico, social e político da literatura produzida hoje, os elementos que estruturam o novo modelo de prosa, e focamos no estudo das construções identitárias dos personagens apresentados na obra *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), da escritora brasileira Ana Paula Maia.

A ideia de identidade nos dias atuais faz parte de um processo subjetivo de negociação entre o eu e outro. Com as mudanças no contexto histórico e cultural que a globalização influenciou, o sujeito não é mais visto como uma figura alienada, pois ele rompe com os modelos discursivos e passa a apresentar sentimentos contraditórios.

Nesse sentido, a construção identitária dos personagens Edgar Wilson e Erasmo Wagner está associada a sentimentos contraditórios, aos elementos fragmentados e aos espaços que o cercam. Tudo isso, contribui para a definição, ou não definição, do sujeito moderno, de personagens que são representados de maneira marginalizada, ou que representam nossa sociedade caótica.

Assim, esses personagens podem ser vistos como figuras realistas e representativas de uma sociedade marginalizada e caótica, mas que ao mesmo tempo ocupam posições sociais e desempenham funções caracterizadas pela degradação, que por sua vez, acaba consolidando o próprio “eu”.

De um lado, temos o personagem Edgar Wilson criado e inserido num espaço caótico que desenvolve atividades brutais e degradantes, de outro, temos à semelhança de Edgar Wilson – nota-se principalmente pelas mesmas iniciais – entre o personagem Erasmo Wagner inserido no mesmo espaço social marginalizado que também exerce um trabalho difícil. Desse modo, a identidade desses personagens, são apresentadas de maneira subjetiva e ambígua, construída à mercê do espaço que os cercam.

Referências

- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- HUYSSSEN, Andréas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 15-80.
- MAIA, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- MATEUS, Anabela. “As pulp magazines”. *Babilônia*, n. 5. P. 57-65, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/download/876/710>>. Acesso em 27 de abril de 2014.
- O bule*. Disponível em: <<http://www.o-bule.com/2010/05/os-colunistas-do-bule-entrevistam-ana.html>>. Acesso em 30 de abril de 2014.
- PINTO, Manuel da Costa. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004. Disponível em: <<http://www.literatura.bluehosting.com.br/literaturabrasileirahoje.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2014.
- RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erick. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SANTOS, Boaventura. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. Tempo social. Revista de Sociologia. 5 (1-2): 31-52, 1993. São Paulo: USP. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Modernidade.pdf>. Acesso em: 27 março 2014.